

Índice

Editorial	4
Agenda	4
Universidade Católica: conceito e missão	5

O OLHAR

A atuação dos maristas no mundo	8
Aprendizado e convivência	11
Gestão de Pessoas	14
Universidade Católica de Brasília quer implementar projeto REFLEXÕES	17
Conteúdos de conhecimentos escolares e a proposta atual para o nível superior	18

A IDENTIDADE

Funcionários aposentados recebem homenagem	20
Professores e funcionários discutem valores da universidade marista	22
A PUCRS e EU	24

O COMPROMISSO

Amor, respeito e cidadania	25
----------------------------------	----

FÉ & CULTURA

Diálogo com a ciência	27
-----------------------------	----

OPINIÃO

Refletir para reconhecer-se	30
Depois do Reflexões	32
Homenagem a um cronista da cena viva	33

MOMENTOS

Registros Fotográficos de 2003	34
Expediente	43

Editorial



A partir do ano 2000, a PUCRS passou a desenvolver um projeto de suma importância para o alcance dos objetivos globais da Instituição. É o Projeto Reflexões. Grande número de professores e funcionários já participaram das etapas desta iniciativa da Reitoria.

A PUC tem compromissos específicos que transcendem os compromissos que caracterizam uma universidade de qualidade. Temos uma identidade própria pelo fato de pertencermos a uma Pontifícia Universidade Católica, dirigida e mantida pelo Instituto dos Irmãos Maristas. Para fortalecer esses laços, essas convicções, é que escolhemos como centro de nossas reflexões o tríptico aspecto:

UNIVERSIDADE • CATÓLICA • MARISTA.

Não se trata de atingir uniformidade de pensamento nem igualdade no ser e agir.

No mundo complexo e pluralista de hoje recebemos o influxo de múltiplas informações e estímulos. Precisamos de momentos de pausa, tranquilidade, reflexão, para tomarmos consciência do que somos, do que fazemos e, quem sabe, do que deveríamos ser e fazer.

Como UNIVERSIDADE • CATÓLICA • MARISTA precisamos aprofundar nossa identidade e nosso compromisso.

*Ir. Norberto Francisco Rauch
Reitor*

AGENDA REFLEXÕES 2004

Introduzindo uma reflexão sobre a PUCRS

Data: 23, 24 e 25 de abril • Local: Bento Gonçalves
Grupo 2004

Champagnat • Palestra: Tema científico ou educacional

Data: 4 de junho (sexta-feira) • Local: PUCRS
Atividade aberta a todos

Refletindo a Identidade da PUCRS

Data: 28 de agosto (sábado) • Local: PUCRS
Grupo 2004

Reforçando o nosso compromisso Institucional

Data: 2 de outubro (sábado) • Local: PUCRS
Grupos 2003 e 2004

Reflexões: percepção & futuro

Data: 20 de outubro (quarta-feira) • Local: Teatro do Prédio 40
Horário: 19h15min
Jantar de confraternização

Encontro com o Reitor

Data: 30 de novembro (terça-feira) • Local: PUCRS
Horário: 18h45min

Universidade Católica: conceito e missão

A partir de 1834, a Igreja reconcilia-se com a modernidade e volta a ter contato com a ciência

Beatriz Dornelles

Em abril e agosto, os professores e funcionários da PUCRS puderam debater o conceito e a missão de uma universidade católica, após aprofundada conferência ministrada pelo professor e pesquisador em Teologia, Érico Hammes. A revista Reflexões ouviu o pesquisador, destacando pontos importantes de seu relato, aqui descritos.

REFLEXÕES • Por que e como surgiu a primeira universidade católica?

HAMMES • A universidade católica surgiu para servir ao aprofundamento e formação da Teologia. É ela decorrente de escolas que antes estavam ligadas às catedrais ou aos mosteiros. Isso aconteceu no século XI.

REFLEXÕES • Por que 1834 marca o início da atual fase da universidade?

HAMMES • Por causa do início da universidade católica de Louvain (Bélgica), retomada pela Igreja, depois de ter sido interrompida a sua história. A partir daí, começa-se a fazer uma espécie de reconciliação com a modernidade. Desde o séc. XVI, a Igreja não estava abordando as questões da ciência em nascimento, e simplesmente se desvincula dela. Então, com a refundação da universidade de Louvain, a Igreja volta a ter contato com a ciência e se preocupa em apresentar o pensamento católico dentro do novo contexto: as ciências positivas. Ela começa com a

preocupação de formar pessoas para a própria sociedade. Então, a universidade católica é aberta desde o começo desse período.

REFLEXÕES • Quando a universidade deixou de ser exclusiva para o estudo da Teologia?

HAMMES • Ainda na idade média a universidade implantou cursos de ciências jurídicas, medicina e assim por diante. Ela incorporou muito cedo. A Universidade de Paris tinha Medicina, Direito, etc., bem como outras universidades da idade média. Então a universidade surge e logo se abre para os diferentes campos.

REFLEXÕES - Por que o surgimento, historicamente falando, parte da Igreja, e não do Estado?

HAMMES • É difícil dizer, mas fundamentalmente foi um desenvolvimento quase natural. Não teve uma razão específica de “por que não o Estado?” Por exemplo: Carlos Magno tinha feito na França um grande movimento de formação e educação. Quer dizer, tinha estimulado a formação. E, na realidade, o Estado estava organizado com base na monarquia, impérios. Então, não havia uma preocupação específica do Estado com a educação. E a Igreja precisava da educação por causa da formação da fé. Mas não houve uma outra razão determinante para isso.



REFLEXÕES - Na área política, digamos assim, foi Carlos Magno quem incentivou o desenvolvimento das escolas?

HAMMES • Sim, Carlos Magno deu valor especial à educação superior e favoreceu toda a formação universitária em seu império.

REFLEXÕES - Qual a influência dessa fase (1834) na configuração da Igreja?

HAMMES • De fato, junto com a fundação da universidade da Bélgica, a igreja tenta também fundar universidades na Alemanha, e não consegue. Depois na Inglaterra. Na França funda-se inicialmente, mas depois recebe o *status* de Instituto Católico. A diferença é meramente de razão política. O governo francês proibiu o *status* de universidade para instituições confessionais. Então a universidade vira uma instituição, mas tem equivalência à

universidade.

A universidade, então, começou a estudar temas da nova realidade. Da história, da ciência, da biologia, e assim por diante. Isso fez com que a Igreja também se habilitasse a pensar nas questões sociais. A teologia vai indiretamente se beneficiar dessa formação. Os grandes teólogos se formam no Instituto Católico de Paris, ou em instituições próximas às universitárias, ou então mesmo dentro de universidades estatais, como é o caso da Alemanha, onde a Teologia se desenvolve, em parte, dentro das universidades.

Na Itália se desenvolve o direito canônico e o direito civil. Bologna se especializa

Com a fundação da Universidade de Louvain, iniciam-se estudos sobre história, ciência, biologia. A Igreja habilita-se a pensar nas questões sociais

em direito civil e direito eclesiástico. Nessa época, é o Papa quem reconhece os diplomas e a qualificação. Porque no mundo islâmico já existia e já se tinha tradição universitária.

A universidade, como nós conhecemos no Ocidente, nasce vinculada à Igreja, mas, de fato, ela já existia no mundo islâmico desde antes do século XI. São precursores da universidade o Egito, o Iraque e o Irã.

REFLEXÕES - O que as universidades representam para a Igreja?

HAMMES • Hoje elas representam o diálogo com as ciências, uma reflexão interna na própria Igreja sobre a aprendizagem. Além disso, também representa uma contribuição supletiva da Igreja para a função educativa da

sociedade, especialmente no Brasil e na América Latina. No caso do Brasil, um grande número das universidades confessionais tem o papel de suplementar as lacunas do Estado em relação ao ensino superior.

REFLEXÕES – Há relação com países pobres e ricos?

HAMMES • Na realidade é um círculo. O país desenvolvido se desenvolveu com universidade. O país subdesenvolvido se torna mais subdesenvolvido por falta de universidade. Então, as tentativas de tentar quebrar esse círculo vicioso é justamente introduzindo a universidade, o que possibilita o desenvolvimento.

REFLEXÕES - Qual o significado das universidades católicas para a formação dos profissionais?



HAMMES • Na medida em que as universidades católicas assumem a sua confessionalidade, elas podem contribuir para a humanização. Claro, a preocupação primeira das universidades é que sejam universidades, ou seja, que sejam de nível superior e competentes. Mas que se tenha consciência com o ser humano, centro da formação. Na universidade católica se deve ter a preocupação de fornecer ao ser humano uma formação integral, abrangendo as diferentes dimensões da sua existência, e não restringindo ao tecnológico ou simplesmente ao investigativo.

REFLEXÕES – Exatamente, o que é ser uma universidade católica?

HAMMES • Ser católica, além de universidade, significa viver a fé na universidade e viver a fé como universitário. As pessoas que são de confissão religiosa dentro da universidade vão tratar com respeito os princípios cristãos. Não pedimos que sejam católicos, mas que façam parte da comunidade cristã ou da comunidade universitária. Que se sintam bem nessa universidade. Que percebam a qualidade que as pessoas cristãs têm também no âmbito científico.

REFLEXÕES - O que marca a história das universidades católicas aqui no Brasil e qual sua importância?

Hoje representam o diálogo com as ciências, reflexão sobre aprendizagem e uma contribuição à sociedade, especialmente, na América Latina

HAMMES • A PUC/RJ e a PUC/SP começaram com a intenção de a Igreja se fazer presente no mundo científico. Numa segunda fase, em que há uma farta expansão, especialmente no fim dos anos 60, o objetivo é suprir a lacuna do Estado. Hoje, vivemos seguramente na terceira fase, que começou no final dos anos 80, início dos anos 90. Progressivamente as universidades católicas vão tomando consciência de seu papel católico. Porque, até aí, as universidades não tinham preocupação confessional. A preocupação era de oferecer educação superior. Vários encontros nacionais, promovidos pela Associação Brasileira das Escolas Superiores Católicas, preocuparam-se em, cada vez mais, destacar a identidade das univer-

sidades católicas, procurando criar internamente estruturas para isso. Por exemplo, reforçando o Centro de Pastoral, as atividades de acolhimento de estudantes, a humanização dentro da universidade e assim por diante. Esses são aspectos que eu situaria nesta terceira fase, em que há uma volta da consciência do “ser católico” e o apoio de um tempo novo, em que se aceita discutir as questões religiosas mais abertamente.

Antes desse período, a sociedade se preocupava em devolver ao país instituições democráticas. Mas exatamente ao final dos anos 80 e início dos anos 90, cada vez mais, as temáticas religiosas afloraram. Também em decorrência de uma situação internacional de mudança, o fim da guerra fria, a queda do muro de Berlim, a abertura no Leste Europeu, a queda do regime soviético, etc. Isso tudo fez com que houvesse mais espaço para a questão religiosa.

REFLEXÕES • Qual a importância da universidade católica para a América Latina?

HAMMES • Excetuando o Brasil, os demais países da América Latina estiveram sempre ligados à Espanha, e a Espanha sempre teve universidades católicas, desde a Idade Média. As universidades católicas da Espanha, no momento de conquista da América, também vieram para cá. Assim, as universidades católicas foram fundadas no século XVI no México, no Peru e assim por diante, sendo protagonistas do ensino superior, preocupação dos colonizadores espanhóis. Portugal não desenvolveu a educação superior no Brasil, pelo contrário, impediu explicitamente. No séc. XVI havia um colégio que tinha *status* para ser universidade, mas não foi aceito por Portugal. Por isso, a primeira universidade no Brasil foi criada no séc. XX, enquanto nos países de língua espanhola as primeiras universidades foram fundadas no séc. XVI. Nesse sentido, a Igreja, nos demais países da América Latina, foi uma das grandes educadoras do ensino superior.

REFLEXÕES - Nos dias atuais, quais as características que diferem a universidade católica das privadas e públicas?

HAMMES • Bem, existem as características de “dever ser” e as características “reais”. No “dever ser”, teria que haver uma forte preocupação com o ser humano. O ser humano

Existe a preocupação de fornecer ao ser humano uma formação integral, não restringindo ao tecnológico ou simplesmente ao investigativo

deveria estar no centro. Paulo VI usou uma expressão: “A Igreja é perita em humanidade”. Em geral, nos marcos referenciais e nas grandes visões que as grandes universidades hoje apresentam sempre aparece a questão do ser humano no centro. E a qualidade das relações, o atendimento personalizado, embora isso também seja algo da sociedade hoje. Nas universidades católicas fazem isso um princípio evangélico, então essa é a primeira grande preocupação. A segunda é com a formação. Há espaço para a teologia, seja como disciplina em sala de aula ou na forma de cultura religiosa. Por exemplo, na PUCRS há também preocupação com a ética, o humanismo e assim por diante.

REFLEXÕES – O que seria o estudo da Teologia?

HAMMES • É uma ciência que, tecnicamente, a definição é inteligência da fé, ou então inteligência da esperança, da caridade, assim por diante, mas fundamentalmente refletir sobre aquilo que se vê. Nesse sentido, é natural que dentro de uma universidade católica, onde existem pessoas com formação de nível superior, se possa ter espaço para a discussão de relação entre a ciência e a fé. E esse espaço é oferecido. Seja em âmbito estudantil, em âmbito de pesquisa, magisterial, corpo docente, e mesmo corpo funcional. Além disso, há certos espaços de vivência, que nós chamaríamos de Pastoral, onde as pessoas podem se reunir, celebrar, meditar, rezar e assim por diante. Essas são características que vão concretizando a diferença de uma universidade católica e uma particular ou

pública. O essencial é essa responsabilidade com o ser humano internamente e externamente.

REFLEXÕES - Como é que a sociedade identifica, na prática, a universidade católica?

HAMMES • No nosso caso, aqui no Brasil, eu acho que muito pouco é verificável. Nota-se aqui ou ali. Porque a confessionalidade acaba aparecendo no marco referencial, na missão que a universidade se propõe, o que se concretiza na qualidade. As pessoas vão dizer: bom, essa universidade tem esse aspecto que faz a diferença, razão pela qual eu opto por essa universidade. Então é muito mais assimilado ou disseminado por dentro dos referenciais gerais. Quase subliminar. Em outros países, na Alemanha, por exemplo, que tem uma universidade católica, quem entra lá sabe exatamente por que está indo para lá. O catolicismo brasileiro é muito mais disfarçado, muito menos visível do que em outros países.

REFLEXÕES - O que a sociedade pode esperar das universidades católicas a partir de agora?

HAMMES • As universidades católicas dependem muito dos contextos em que se encontram. No Brasil, o que a sociedade pode esperar é que a universidade católica seja responsável socialmente. Que ela seja de fato aquilo que é o princípio da fé cristã: amor ao próximo. A universidade tem que dar sinais de amor ao próximo. Ela tem que amar ao próximo que está fora. Isso significa ter uma preocupação com as questões sociais. Quer dizer, quando hoje sabemos que, outra vez, o Brasil aumentou sua desigualdade social, e nos últimos 10 anos se agravou, a pergunta que nós temos que fazer é a seguinte: O que as universidades católicas estão fazendo para diminuir isso? Como? Que tipo de pessoas elas estão formando? Com que mentalidade enfrentam esse problema? Essa é uma pergunta que eu imagino deva ser feita às universidades católicas. Se elas não puderem assumir o encargo de internamente estimular a formação de pessoas com sentido social e responsabilidade pública, elas estão falhando em seu papel.

A atuação dos maristas no mundo

O Instituto Marista possui atualmente 4.600 irmãos aproximadamente, espalhados pelo mundo. Suas atividades estão assim distribuídas: 308 estão em funções administrativas, como, por exemplo, direção de escolas; 1.315 em salas de aula; 485 em educação não-formal e 1.200 em outras atividades pastorais e educacionais, diferentes de projetos propriamente educativos.

Fazem parte do Instituto Marista os irmãos professores, com votos temporais ou perpétuos e de estabilidade. Os votos temporais se fazem normalmente durante seis anos consecutivos. Extra-ordinariamente pode se prolongar por dez anos, não mais que isto. Cada vez mais os irmãos se integram em suas missões numa parceria crescente com os irmãos leigos. Aproximadamente, entre irmãos e maristas leigos somam 50 mil pessoas, entre educadores, educadoras, agentes sociais, administrativos, etc., com diferentes graus de identificação com o carisma marista.

Os irmãos maristas estão pre-

sententes em 77 países, quais sejam: Canadá, Estados Unidos, México, Guatemala, El Salvador, Porto Rico, Nicarágua, Costa Rica, Venezuela, Colômbia, Equador, Brasil, Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai, Haiti, Cuba, Irlanda, Grã Bretanha, Bélgica, Holanda, Alemanha, Hungria, Romênia, Grécia, Itália, França, Líbano, Espanha, Portugal, Suíça, Argélia, Paquistão, Sri-Lanca, Índia, Filipinas, Camboja, Malásia, Cingapura, Hong Kong, China, Coréia do Sul, Japão, Timor Leste, Papua, Nova Guiné, Ilha Salomão, Bouganville, Quiribati, Fiji, Samoa, Tonga, Vanuatu, Nova Caledônia, Nova Zelândia, Austrália, África do Sul, Moçambique, Angola, Malavi, Zimbabuê, Zâmbia, Tanzânia, Quênia, Madagascar, Ruanda, República Democrática do Congo, República Centro-Africana, Camarões, Chade, Gana, Nigéria, Costa de Marfim, Guiné Equatorial, Libéria.

As atividades desenvolvidas pelos maristas no mundo podem resumir-se em atividades de evangelização cristã, através da educação, como

mostra, por exemplo, o documento da Missão Educativa Marista. Dentro desta perspectiva, desenvolve-se uma infinidade de atividades, tanto de educação formal como informal, em universidades, colégios, escolas primárias, escolas de infância, obras educativas para meninos de rua, comunidades educativas com jovens adultos, escolas de educação de fé e vida, comunidades de inserção em áreas sociais carentes, comunidades de acompanhamento de jovens e adolescentes em situação de risco, etc. As atividades da missão marista no mundo estão se multiplicando e diversificando rapidamente. Hoje a Ordem dos Maristas possui 408 escolas de educação formal e 171 de educação não-formal.

Os irmãos atuam em menor intensidade no ensino superior. No mundo são 12 instituições de ensino superior, sendo duas no Brasil, quatro no México, uma no Peru, uma na Argentina, duas na Espanha e duas nas Filipinas.

Em entrevista exclusiva à Revista Reflexões, o Irmão Antonio Ramalho,

Conselheiro-Geral do Instituto Marista respondeu as seguintes questões:

REFLEXÕES • *Ouve-se falar em “refundação”. O que quer dizer “refundação”?*

RAMALHO • É voltar à intuição primeira do Fundador. Procurar viver nos tempos de hoje a paixão e criatividade de Champagnat, buscando respostas novas para as situações atuais, segundo o carisma de nossas origens. É como começar de novo...

REFLEXÕES • *Qual a missão atual dos maristas no mundo?*

RAMALHO • Educar e evangelizar as crianças e jovens, sobretudo os mais necessitados, quer em estruturas formais, como não-formais. É procurar ser um sinal de Deus e do seu projeto de fraternidade no coração da Igreja e no mundo da juventude, da cultura, da educação.

REFLEXÕES • *Haverá alguma mudança nos próximos anos?*

RAMALHO • Tivemos um Capítulo Geral do Instituto em 2001 que traçou as grandes linhas para os oito anos seguintes. A insistência maior foi na centralidade de Jesus Cristo em nossas vidas, na revitalização do testemunho de nossas comunidades, na missão renovada junto aos mais pobres, na continuidade da abertura para um trabalho em parceria com os leigos, numa linha de maior solidariedade.

REFLEXÕES • *Quais os principais valores defendidos pelo Instituto?*

RAMALHO • Um estilo de vida simples e fraterno, segundo o Evangelho. Um modo de ser mariano, na Igreja e na sociedade. Uma educação feita com amor e competência, para formar cidadãos conscientes e cristãos convictos. Uma relação entre as pessoas, baseada na justiça e na soli-

dariedade.

REFLEXÕES • *Qual a avaliação do Instituto sobre o trabalho dos maristas no Brasil?*

RAMALHO • Há um interesse e admiração muito grande pela presença marista no Brasil, pela sua pujança, seu impacto social, a diversidade dos campos atingidos, a qualidade do envolvimento dos leigos na espiritualidade e na missão maristas, a presença de jovens vocações.

REFLEXÕES • *No Brasil, existem muitas obras sociais maristas. Em outros países ocorre o mesmo?*

RAMALHO • Praticamente em todos os países onde nos encontramos há uma presença significativa em obras sociais. Em alguns, inclusive, quase só atuamos junto aos mais pobres.

REFLEXÕES • *Qual a avaliação sobre o trabalho realizado pelos*

maristas no Rio Grande do Sul?

RAMALHO • A presença centenária dos maristas no RS tem sido muito significativa, diversificada e implantada em quase todas as regiões do Estado, além de ter contribuído com um grande número de vocações de Irmãos para o Instituto, com características missionárias.

REFLEXÕES • *Quais os grandes desafios que o Instituto enfrenta?*

RAMALHO • Dentro do desafio representado pela própria idéia da “refundação”, o Instituto busca formas novas de presença junto à juventude e aos pobres, métodos mais ágeis de animação e de governo, maior participação dos leigos na espiritualidade e na missão, novo despertar de vocações e a sua formação, integrar a multiculturalidade real de nossa implantação no mundo na expressão do nosso carisma.

REFLEXÕES • *Uma vida consagrada está baseada na espiritualidade. Como viver a espiritualidade num mundo de correria e “urgências”? Será que a Espiritualidade Marista de hoje é a mesma da fundação? O modelo de vida religiosa ainda é o mesmo?*

RAMALHO • A vida religiosa tem mudado muito, desde o Concílio

Vaticano II. Abandonou muitas formas e expressões antigas que já não respondem à sensibilidade e necessidades do nosso tempo. Mas para ter relevância para a sociedade contemporânea, a vida religiosa precisa ser sinal perceptível e com credibilidade de valores absolutos, que são os de sempre, e que podem e devem dar sentido aos homens e mulheres de hoje, muitas vezes espiritualmente vazios e inquietos. Nossa Espiritualidade Apostólica Marista, que vem desde a fundação, procura hoje melhor definir sua identidade e concretizar-se em variadas formas de expressão.

REFLEXÕES • *O que a sociedade brasileira pode esperar dos maristas para os próximos dez anos?*

RAMALHO • A continuidade de nosso compromisso com o serviço de Deus, da Igreja e da sociedade, privilegiando sempre o campo da juventude e da educação, em sintonia com o momento novo que o país está vivendo.

Aprendizado e convivência



Irmã Tânia (HSL)

A palestra do Irmão Manoel nos ajuda e colabora para colocarmos sempre mais em prática a pedagogia de Marcelino Champagnat, sua filosofia, sua simplicidade com uma espiritualidade encarnada. Também colabora para que possamos levar isso hoje para nossas salas de aula, em todo o campus, em todas as áreas de trabalho. A forma como foi colocada toda a questão histórica de Champagnat serve para nós como um modelo, que nos impulsiona a levar adiante essa filosofia marista, e que sejamos esse sinal de vida, de esperança, de simplicidade em todas as áreas a que somos desafiados a atuar nos dias de hoje.

Beatriz Regina Franciosi (EAD)

Acho que as falas de Pedro Demo e do reitor da PUC do Paraná convergem para a constituição de ambiente e aprendizagem. Acho que esse é o ponto principal, onde as pessoas que conduzem esses ambientes devem ser norteadas pela verdade, pela fraternidade e pela transcendência. De nada adianta termos grandes tecno-logias, se a bem da verdade o ser humano não é o centro do processo. Esse ambiente, conduzido por aprendizes, aqueles sujeitos que estão abertos ao novo, e não obrigatoriamente o sujeito que está do outro lado da mesa.



Carmem Lúcia da Silva (Física)

Chamou-me bastante atenção a palestra do Pedro Demo. Ele fez um chamamento para nos questionar, para mexer, para nos balançar, porque sua proposta parece utópica, mas o ensino poderia ser realmente revisado em termos de educação. Quando o reitor do Paraná fez suas colocações, lembrando que a maior preocupação deve ser o aluno, que deveria ser chamado de excelência. Não excelência num sentido brincalhão ou pejorativo, mas porque ele é nosso melhor produto, mesmo que essa palavra seja, algumas vezes, contestada por alguns educadores. É a partir do aluno que geramos todo o conhecimento, toda a pesquisa. Melhoria de laboratórios, melhoria dos profissionais que vão trabalhar esse aluno e ensiná-lo a pensar, a construir seu próprio conhecimento. Essa preocupação em tornar a pessoa não só uma fonte de conhecimento, mas também cristã, voltada para o bem, para o solidário, para a comunidade mais carente. Isso deveria ser uma das preocupações maiores de todas as universidades. Nós devemos ter um compromisso maior com o nosso aluno.





Adelina de Oliveira (Matemática)

Eu acho muito bom esse incentivo que a PUC está dando aos professores e funcionários. Nos últimos sete anos, a gente descobriu que a PUC está investindo bastante no funcionário, está dando a oportunidade de os funcionários entenderem melhor a instituição. Já tivemos o Projeto Laguna, há uns anos, que foi muito interessante. Este Reflexões agora só vem complementar o que já foi iniciado no evento passado. Acho muito interessante, muito bom.



Nelson Todt (Educação Física)

A dinâmica desenvolvida com o grupo durante o encontro Reflexões faz com que as pessoas se desinibam mais a partir de uma atividade que mexa com o corpo. Normalmente, elas estão num momento de concentração, estão ainda tímidas pelo fato de estarem num grupo em que não conhecem todo mundo. No momento em que o corpo se sente mais solto, a pessoa está mais disponível ao outro, mais disponível a conhecer os outros, a ouvir o que as pessoas têm para dizer a elas. Brincar é bom pra todo mundo, um momento lúdico. A reação não poderia ter sido diferente, realmente ver o nosso reitor brincando, professores, colegas, todo mundo nesse mesmo espírito, nessa mesma vontade de se disponibilizar aos outros, realmente foi uma satisfação muito grande.

Vera Ferreira (Famecos)

Estou surpresa com o Reflexões. Eu já imaginava que seria alguma coisa bastante proveitosa, mas o padrão de excelência que ele nos proporciona, no sentido de convivência com os pares, de aprendizado, com pessoas competentes de outras universidades, nos faz refletir sobre o nosso papel de docentes, o papel de universidade, o papel de uma filosofia marista no ensino. Eu acho que a gente sai muito enriquecida do encontro, pensando em muitas coisas e fazendo uma avaliação do nosso próprio trabalho e de como poderemos melhorar daqui para frente? Foi uma iniciativa excelente.



José Antônio Meister (Filosofia e Ciências Humanas)

O princípio do cuidado ao aluno é um princípio de ética. Sem dúvida nenhuma, nós temos que nos preocupar com o aluno enquanto pessoa, estudante, cidadão e também em capacitá-lo e prepará-lo para o mercado de trabalho, dando condições para que possa saber se defrontar com novos desafios, com novas realidades que terá pela frente. A proposta educacional de Pedro Demo é desafiadora no sentido de que formar alunos pesquisadores seria o ideal. Vejo com bons olhos a proposta, embora detecte um pouco de dificuldade na sua operacionalização, pois temos 66 alunos em sala de aula, e muitas vezes um contato de duas horas por semana com eles. Se conseguíssemos realmente acompanhar os alunos, seria uma proposta interessante.

Rosana Antinolfi (Assessoria Jurídica)

A minha expectativa realmente era muito grande em relação ao Projeto Reflexões, e foi muito gratificante. Os palestrantes, todos, supercompletos e cada um deles conseguiu traduzir a mensagem de uma forma muito clara. O grupo teve uma facilidade muito grande de integração e na canalização de todas as informações. Foi muito produtivo.

Luis Fernando Barzoto
(Direito)

A idéia de formação integral da pedagogia marista é extremamente adequada porque visa a transmitir o saber de caráter técnico, mas também valores de natureza moral. Como o Direito é um tipo de saber voltado à realização da justiça, ou seja, um valor moral, tem um caráter meramente técnico, mas se constitui como saber de natureza ética. O fato de o saber jurídico ter essas duas dimensões, técnica e ética, o torna particularmente receptivo a uma proposta pedagógica como a marista, que dá atenção à formação integral do aluno, no plano não só cognitivo, mas também moral. De outro lado, sendo um saber de natureza ética, o professor precisa ter algum tipo de autoridade para transmitir esses valores. Nesse sentido, a pedagogia marista, ao enfatizar presença acolhedora do professor junto ao aluno e o interesse no aluno, dá a esse professor autoridade necessária em mostrar-se preocupado na transmissão dos valores morais que o direito necessariamente comporta ou inclui em si.

Gestão

José Roberto Gomes da Silva, Doutor em Administração de Empresa e professor da PUC/RJ, anualmente, participa dos encontros do Reflexões, em Bento Gonçalves, abordando questões da administração em universidades. Em 2003, sua palestra intitulou-se “Ensino Superior no Século XXI: Mudanças, Desafios e Competências”. Posteriormente, com base nessa palestra, as professoras Marisa Campio Müller, da Faculdade de Psicologia, Marta Sisson de Castro, da Educação, Suzana M. Silveira Martins, da Administração, Contabilidade e Economia, e Helaine Abreu da Rosa, da Famecos (Relações Públicas) realizaram uma mesa-redonda e acrescentaram alguns itens relativos ao tema, considerando a realidade da PUCRS. Aqui destacamos algumas idéias debatidas.

Propostas de José Roberto Gomes da Silva

Ao longo das últimas décadas, todas as mais importantes idéias desenvolvidas no campo da administração têm apontado para a necessidade de que as organizações aprendam a construir um tipo de atuação fundamentada em um foco verdadeiramente estratégico. Essa realidade não é diferente para as universidades brasileiras, como demonstram as significativas mudanças que elas vêm sendo levadas a implementar, em função da complexidade do contexto no qual elas estão inseridas, sobretudo nos últimos anos.



Principais desafios das organizações em nossos dias: construir uma ação estratégica flexível, integrada e participativa; manter um foco amplo e permanente na qualidade; inovar, administrar o conhecimento organizacional, construir competências únicas e valiosas.

Para minimizar essas barreiras, acredito que devemos promover a abertura em nível de idéias, o *empowerment*, que é a delegação de poder, a própria gestão de competências, criando um banco de competências.

Parece-me que na universidade caberia uma liderança do tipo situacional, uma liderança de acordo com o tipo de situação e com a maturidade da pessoa. Outra observação é a seguinte: Essa reunião que realizamos para discutir a gestão de pessoas, sob vários ângulos, é um modelo que vai ao encontro das tendências, apontadas pelo José Roberto. É uma reunião multidis-ciplinar. Eu diria, uma reunião de ponta, em termos de organização.

SUZANA • Em termos práticos e funcionais para a Universidade, devemos



evitar algumas barreiras que impedem a realização da seguinte pergunta: Por que as univer-

sidades, sala fértil para a produção de conhecimento e desenvolvimento de competências, têm dificuldades em transformar esses conhecimentos e competências em benefícios para a sociedade, para elas mesmas e seus participantes? O próprio professor José Roberto enumerou várias barreiras. Citaria a falta de visão sistêmica e as dificuldades na área de comunicação.

de Pessoas

Alguns dos principais aspectos que dificultam a integração e a inovação nas universidades: dificuldade de implementar mudanças (resistências); limitação e dificuldade de gestão integrada dos recursos; dificuldades de comunicação; disputas de poder, dificuldade de alinhar interesses, falta de senso de parceria; visão fragmentada, falta de integração de projetos e ações; conservadorismo e cultura burocrática; escassez de pessoas, lacunas de competências; falta de políticas adequadas de gestão de pessoas e dificuldade de motivação, de obter compromisso.



MARISA • Trabalhei muitos anos em empresas e sempre me preocupei quando chegavam algumas colocações, inovadoras, que resolveriam o problema. Eram filosofias bonitas, grandes soluções, mas que, muitas vezes, ficavam em nível superior da empresa. O que acontece em baixo é o retrato lá de cima. Pessoalmente acho que não adianta trabalhar estas questões nesse

nível. Sabemos que as universidades são instituições, onde as autoridades estão muito bem estabelecidas, o que exige um trabalho educativo em caso de mudanças. O modelo que se deseja implementar parte de um trabalho das chefias. É um papel dos mais valiosos possíveis em termos de identificar potenciais, de auxiliar indivíduos no seu autodesenvolvimento, apontar aspectos fortes que eles possuam e auxiliá-los naquilo que precisam desenvolver. A chefia é um modelo, ela tem que fazer por si. É mais do que técnica e discurso.

Tendências de como gerenciar pessoas: abertura ao diálogo; empowerment; gestão de competências; gestão do desempenho; gestão de oportunidades e carreiras; remuneração e reconhecimento e gestão do clima organizacional. Empowerment não é a simples delegação de autoridade! É o direito de decidir e agir; responsabilidade pelas decisões e ações; clareza com relação aos limites; condições para decidir e agir (informação, instrumentos, equipe); capacidade de decidir e agir (que precisa ser desenvolvida); apoio e confiança da organização.

A gestão do desempenho

Apesar de todo o discurso atual, acerca da importância da participação das pessoas, são poucas as organizações que mantêm um sistema de gestão do desempenho que leve em conta o nível de contribuição efetiva de cada indivíduo ou grupo para o sucesso da estratégia.

Mesmo nas organizações nas quais existe um processo formal de avaliação de desempenho (ainda uma minoria no universo das organizações brasileiras), observa-se um foco ainda bastante limitado, à medida que tais processos tendem a olhar apenas resultados de natureza financeira ou então somente características comportamentais dos indivíduos; fotografam um instante no tempo, ao invés de olharem o desempenho de modo continuado; não estão ligados com os objetivos estratégicos da organização; olham só o desempenho individual e não a equipe ou os processos; utilizam uma comunicação deficiente; são desenhados principalmente com a finalidade de levar informação ao topo, com pouco feedback para os indivíduos e equipes; olham apenas o desempenho passado e determinam as metas, mas não como atingi-las.



MARTA • Gostaria de comentar sobre o banco de competências, citado pelo José Roberto. Segundo ele, para o desenvolvimento de competências surgem as seguintes tendências: aprendizado contínuo, maior aproximação do ambiente do trabalho, instrumentos de ensino a distância, aprendizado por meio de interação e incentivo ao autodesenvolvimento. Eu tenho minhas resistências, pois entendo que as competências mudam muito. O banco de dados não dá conta das diferentes ações.

Entendo, no entanto, que a instituição, por ser educacional, visa a formação integral. Essa visão da pessoa inteira, com suas emoções, com todas as suas necessidades, tanto do professor, do aluno e dos funcionários, esse reconhecimento, na prática, da humanidade de cada um de nós dentro da instituição é fundamental. Acho que devemos lutar por esses espaços

A gestão do clima organizacional

Se a Gestão de Pessoas refere-se à construção de uma relação, e não simplesmente à manutenção de um contrato, é preciso que essa relação seja continuamente acompanhada, aproveitando-se todas as oportunidades de melhorá-la e impedindo que ela se desgaste em meio à rotina e às dificuldades do dia-a-dia (como em um casamento...). Assim, é cada vez mais comum encontrar organizações que procuram acompanhar o modo como os indivíduos percebem essa relação, por meio de pesquisas periódicas e sistemáticas sobre o clima organizacional. Na maioria dos casos, essas pesquisas limitam-se à aplicação periódica de um questionário ao universo de empregados, cujas respostas são tabuladas e analisadas estatisticamente. Essa visão puramente quantitativa parece não ser suficiente para que se conheça em profundidade a origem dos aspectos satisfatórios ou insatisfatórios do clima predominante na organização. Se a organização mobiliza as pessoas para que dêem sua opinião por meio de uma pesquisa, é importante que elas percebam que há uma intenção clara de que essas opiniões sirvam como base para uma melhoria efetiva de suas vidas na organização.



HELAINÉ • Existem várias correntes na área da educação que defendem a tese de que não adianta fazer campanhas publicitárias e gastar dinheiro se não houver uma efetiva comunicação interna, porque a externa não dá sustentação. Na verdade, as primeiras pessoas a participarem desse processo pertencem ao público interno, que são os funcionários e as chefias. Cada organização deve ter sua sistemática, instrumentos específicos, claros, baseados na sua cultura, no seu objeto, no seu produto, no seu serviço. Hoje há empresas que basicamente só trabalham intranet e extranet; outras, com boletins impressos. Isto é fundamental, especialmente se forem encontradas falhas no processo de comunicação. Trata-se de política de comunicação, que, em primeiro lugar, deve ser voltada para atender as exigências internas.

Cada universidade pode achar seus melhores instrumentos de comunicação, o problema é vivenciar isso, ter uma política na qual todas as pessoas saibam ser necessário comunicar. Estou falando de uma comunidade científica, que tem por dever socializar o conhecimento.

Gestão de oportunidades e carreiras

Algumas das principais tendências: ênfase simultânea na renovação e na preservação do conhecimento; cargos definidos de modo mais flexível; crescimento pela capacidade de gerar resultados e pela incorporação de competências (e não somente por tempo de serviço); transparência dos critérios; carreiras em “Y” e crescimento também horizontal.

Universidade Católica de Brasília quer implementar projeto REFLEXÕES

Processo de formação e de aperfeiçoamento profissional, oportunidade única que as pessoas têm de refletir sobre o próprio processo educativo que se dá numa universidade, diferenciada por ser católica



A Universidade Católica de Brasília solicitou à professora Sônia Freitas Pacheco Pereira, membro da Pastoral da UCB, que participasse do Projeto Reflexões em abril de 2003, na condição de observadora, objetivando implementar um projeto semelhante em sua instituição. Sônia permaneceu os três dias em Bento Gonçalves, vivenciando todos os momentos com os professores e funcionários da PUCRS que lá estiveram na ocasião.

Conforme sua avaliação, “o Reflexões é um processo de formação e de aperfeiçoamento profissional, uma oportunidade única que as pessoas têm de refletir sobre o próprio processo educativo que se dá numa universidade, diferenciada por ser católica”. O primeiro questionamento, segundo ela, seria: Por ser católica, como é que as pessoas vêm e refletem sua prática no dia-a-dia? Para a professora de Brasília, as palestras foram muito interessantes e apresentaram elementos para que os participantes refletissem sobre o assunto.

Ao final do encontro, no sentido de

contribuir para o constante aperfeiçoamento do Projeto, objetivo de seus coordenadores, Sônia sugeriu a inclusão do debate sobre educação política, uma vez que o país passa por um processo crítico quanto à gestão das universidades. “Penso que isso seja extremamente importante. O Irmão Manoel Alves colocou algumas questões sobre a posição política da Igreja; nós temos posições políticas, também, e como é que nós, nesse momento, observamos esse processo?

Nós temos uma meta de formar profissionais com base humana, com uma ética adequada, mas também para uma atuação política dentro da sociedade. Que atuação seria essa ao refletirmos também a nossa participação política, quando se fala em cidadãos, será que somos cidadãos também para poder fazer o exercício da cidadania?”, comentou Sônia.

Para a professora, o processo de abertura democrática desde 1980 revela que realmente houve uma mudança, mas, questiona, será que os professores universitários, na prática educacional, estão proporcionando o debate crítico reflexivo sobre o processo da constituição democrática? Ou seja, há um projeto de universidade, há um projeto político e pedagógico, mas qual a relação entre o projeto político dos educadores de uma universidade e o projeto de constituição de uma sociedade democrática? Onde está o papel dos educadores, enquanto formadores de profissionais? Essas são questões, no entender da professora, que precisam também ser mais aprofundadas.

“Precisamos também resgatar os momentos históricos e políticos do nosso próprio processo histórico”, afirmou.

Sobre a metodologia utilizada no Projeto Reflexões, Sônia a considerou bastante dialógica, onde todas as pessoas têm oportunidade de dizer o que pensam, de serem ouvidas e respeitadas. “Todas as pessoas se envolveram para contribuir para o enriquecimento do trabalho”. Inclusive, observa Sônia, um dos funcionários estava meio tímido e o grupo fez um processo de elevação de sua auto-estima, mostrando que ele era tão importante quanto todos os professores e doutores que ali estavam e que ele podia contribuir significativamente com a ótica da Universidade. “Ele ficou muito enbaixado e gostou muito de ser estimulado, e começou a participar, ponderando junto conosco. Isso foi muito enriquecedor, foi muito fraterno, muito solidário, e eu vejo que nós atingimos o objetivo do trabalho de grupo”.

O balanço geral, segundo a professora, foi excelente. Para ela, o ponto alto do projeto é a possibilidade de os professores conviverem mais intensamente com os funcionários e os irmãos maristas, de poderem opinar na administração da Universidade e apresentar soluções para os problemas do ensino superior.

CONTEÚDOS DE CONHECIMENTOS ESCOLARES E A PROPOSTA ATUAL PARA O NÍVEL SUPERIOR

Helena Ibiapina Lima

Professora do Mestrado em Educação da UCP
Pesquisadora do PROEDES/UFRJ

O objetivo da educação humanista, no século XIX, era a libertação de um presente que reproduzisse tirania, buscando preservar no passado tudo que representasse sua contemporaneidade, afastando as ameaças do mundo real, e auxiliando os homens a caminhar na direção de sua própria humanização. (Wolfgang Iser)

Segundo Dewey, a escola deveria ser uma sociedade em miniatura, onde todas as atividades profissionais estivessem presentes de modo a permitir que os alunos se integrassem de acordo com suas aptidões; onde prevalecesse a hierarquia das aptidões sobre a hierarquia de privilégios econômicos e políticos e onde não houvesse dualismo entre as profissões técnicas e profissões acadêmicas.

Em 1940, foi publicado um artigo sob o título *Os males do ensino secundário* (Mattos, J.), na revista *Unidade*, no Rio de Janeiro, onde o autor opinava sobre o absurdo que era reprovar, à época, alunos no ensino secundário brasileiro *por não terem de memória os afluentes do Nilo ou os nomes dos vulcões do Japão, por não saberem traduzir Shakespeare ... por não conhecerem os processos ... [da] organização religiosa dos mórmons*, consentindo-se, entretanto, que passassem pelos bancos *ginsiais* sem ter conhecimento das tradições nacionais e dos traços gerais das individualidades da História, no

terreno político-cultural, bem como das possibilidades daí resultantes. Segundo o autor, os trabalhos dos especialistas de currículo deveriam ser orientados por respostas afirmativas sobre a adequação desses conhecimentos ao desenvolvimento mental dos educandos; a oportunidade das informações à maioria dos brasileiros, independentemente das carreiras que viessem a abraçar e a conveniente utilização de métodos aconselhados pela ciência pedagógica.

A escola de nível médio deixaria de ser, então, a escola de um “grupo social”, destinada a adaptar todas as inteligências a uma forma rígida de educação, para ser um aparelho flexível e vivo, organizado para ministrar a cultura geral e satisfazer as necessidades práticas de adaptação à variedade dos grupos sociais. A Comissão Internacional para o Programa da Educação, presidida por M. Edgar Faure, após inquérito mundial promovido pela UNESCO, aprovou estratégia educacional para a década de 1970, sintetizada em 21

pontos entre os quais podem ser destacados os seguintes princípios: as distinções entre os diferentes tipos de ensino – geral, científico, técnico e profissional, devem ser suprimidas, tendo em vista que a finalidade da educação é capacitar os jovens a adaptar-se a tarefas diversificadas e ao aperfeiçoamento contínuo, à medida que evoluem as formas de produção e as condições de trabalho, facilitando desta forma a reconversão profissional.

As tarefas da escola devem, portanto, proporcionar uma base sólida de conhecimentos, estimular o espírito criador, desenvolver a compreensão dos princípios científicos e a capacidade de aplicá-los no plano técnico de tal forma que o acesso aos diferentes tipos de ensino e às atividades profissionais possa depender exclusivamente dos conhecimentos, capacidades e aptidões de cada indivíduo, levando em conta o desenvolvimento das capacidades intelectuais (juízo crítico, aptidão para resolver problemas) mais que

o volume dos conhecimentos armazenados. O mesmo princípio deveria, deve e deverá alargar o campo educativo das universidades, rompendo – de um lado – a formação excessivamente literária, dando-lhe um caráter científico e técnico, impondo conseqüentemente reformas profundas no sentido de reforçar, por todos os meios, a intenção e o valor da *escola*, sem negar a arte, a literatura e os valores culturais.

A Universidade, segundo Fernando de Azevedo (São Paulo, 1932), daria os meios de combater a facilidade de tudo admitir; o ceticismo de nada escolher nem julgar; a falta de crítica, por falta de espírito de síntese; a indiferença ou a neutralidade no terreno das idéias; a ignorância “*da mais humana de todas as operações intelectuais, que é a de tomar partido*”; e a tendência e o espírito fácil de substituir os princípios (ainda que provisórios) pelo paradoxo e pelo humor. A pedagogia crítico-social dos conteúdos, a partir da década de 1970, tem buscado desenvolver, na escola, a reflexão crítica sobre os problemas concretos da sociedade. A escola teria como função mais importante tornar possível a apropriação do saber pelas classes populares, bem como pelas classes mais favorecidas objetivando efetivar a ascensão social. Duas novas tendências desenvolveram-se nesse período. Uma com características humanistas, representada, de modo mais significativo, por William Pinar, que defende a difusão de novas idéias como forma de provocar mudanças, bem como a disponibilidade do professor para aprender e aplicar essas novas idéias. Outra com características políticas, representada, principalmente, por Michael Apple e Henry Giroux, onde é constante a defesa do comprometimento político dos educadores como forma de compreender

as relações entre cultura e economia, assim como o *modus faciendi* da ideologia, alertando-os sobre o fortalecimento do poder dos estudantes de modo a prepará-los para analisar e transformar o *mundo*. Na atualidade, os modelos de investigação reflexiva defendidos por Fenstermacher (1986) – argumento prático – e Schön (1983) – reflexão sobre modelo de ação – estão estruturados de modo que busquem permitir aos professores refletir sobre a possibilidade de interferir no contexto institucional, social e político do processo de escolarização. Segundo Liston & Zeichner (1993), a formação do futuro professor deve contemplar e ressaltar as diferenças entre as diferentes tradições educativas, buscando reformular, articular e justificar o plano de reconstrução social nessa formação.

Para Perrenoud (2000), as tecnologias e as reformas estruturais dependerão de uma mediação pedagógica que para ser eficaz, precisa ser confiada a professores cada vez mais qualificados, com ampla cultura nas área de ciências humanas e forte identificação com as capacidades reflexivas e de inovação. A escola, por sua vez, não é capaz de produzir a igualdade quando a sociedade é desigual, discriminadora e injusta. Ela é apenas um dos espaços de socialização e produção de cultura e desse modo só faz circular no seu interior o que está sendo produzido no conjunto da sociedade. Os nossos professores, portanto, não serão nem mais nem menos cultos ou ignorantes que a média da sociedade em que vivem.

Funcionários aposentados recebem homenagem

Neste final de ano, mais uma vez a PUCRS homenageou antigos funcionários, que dedicaram praticamente toda a vida profissional à Instituição, apresentando um perfil identificado com a PUCRS, que é católica e marista. O prêmio foi entregue durante encontro do Reflexões, na universidade, quando estiveram reunidos mais de 100 professores e funcionários. Desta vez, receberam uma placa de agradecimento o Irmão Lassalista Henrique Justo, o funcionário da Prefeitura da PUCRS Roberto de Oliveira e a professora Lia Lourdes Marquardt.

Irmão Justo foi homenageado pelo Irmão Armando Bortolini, que destacou alguns fatos importantes da carreira do Lassalista. Ele recebeu o título de professor emérito do Rio Grande do Sul em 1994 e emérito da PUCRS em 1998. Por diversas vezes, participou de comissões elaboradoras de provas de Português de Concursos de Vestibular na UFRGS e PUCRS e de bancas examinadoras do curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras, de 1979 a 1992, no mestrado. Irmão Justo é licenciado em Língua e Literatura Portuguesa, Língua e Literatura Francesa, Língua Francesa Clássica e Moderna Contemporânea e tem mestrado em Língua Portuguesa. Entre 1964 e 1997 lecionou no Colégio de Aplicação da UFRGS, foi professor estadual de Português, professor de Língua Portuguesa na UFRGS e na PUCRS, aposentando-se em 1998. Hoje está com 81 anos.

O engenheiro do trabalho Guilherme Afonso Fraga foi encarregado de falar sobre

a dedicação do funcionário Roberto de Oliveira, nascido em 1931, filho de pai africano e mãe baiana, tendo trabalhado 27 anos para a PUCRS. Logo que iniciou a trabalhar na instituição marista estava tão empolgado que, ao pintar uma parede, sujou de tinta o sapato do prefeito universitário, na época Irmão Modesto. Como não sabia o que fazer, pediu ajuda a seu chefe de sessão, que mandou passar removedor. Conclusão: estragaram o sapato do Irmão Modesto.

Roberto sempre foi amigo de seus colegas, mostrou-se disposto a ajudar nas dificuldades e a acompanhar nas horas alegres, tendo deixado uma marca de profissional competente, um exemplo para os colegas. Hoje está aposentado, dedicando seu tempo à mulher, filhos e amigos.

A professora Lia Lourdes Marquardt, da Letras, recebeu a homenagem de Solange Medina Ketzer, sua ex-aluna. Lia é licenciada em Língua e Literatura Portuguesa e Literatura Francesa, com mestrado em Língua Portuguesa, pela UFRGS. Foi professora de 1º e 2º graus no Colégio Aplicação da UFRGS, de 1964 a 1966, professora estadual de Português, de 1965 a 1993, e professora de Língua Portuguesa da UFRGS e da PUCRS de 1972 a 1997. Também lecionou Metodologia de Língua Portuguesa no Curso de Especialização – O Ensino de Português, na PUCRS, de 1981 a 1991. Participou em bancas examinadoras de dissertação de Mestrado e do curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras da PUCRS, de 1979 a 1992.

Dentro das atividades técnico-pedagógicas, destacam-se sua participação na comissão elaboradora da prova experimental de Português do Concurso Vestibular na Faculdade de Filosofia da UFRGS, em 1965; na banca examinadora do exame de Suficiência de Português, a convite da Inspeção de Porto Alegre, sob o patrocínio da CADES, em 1969 e 1971; e coordenação da equipe de correção das redações do Concurso Vestibular da PUCRS, de 1978 a 1997.

Em 1994, Lia recebeu o título de Professora Emérita do Estado do Rio Grande do Sul e, em 1998, da PUCRS.

Homenageados



Lia Lourdes Marquardt
Faculdade de Letras

Ir. Henrique Justo
Faculdade de Letras



Roberto de Oliveira
Prefeitura Universitária



Professores e funcionários discutem valores da universidade marista



CAROLINA FERNANDES (Projeto Solidariedade)

Percebo que cada vez mais minha identidade, minha postura, dentro e fora de Universidade, tem que vir ao encontro dos valores do lugar onde eu trabalho. Tanto os cristãos quanto os éticos e disciplinares. Minha vida pessoal, graças a Deus, está seguindo um caminho correto, um caminho de serenidade e estudo. Sempre procurando conhecer mais e me dedicar bastante. É isto que a identidade da PUCRS busca encontrar no profissional. Que seja dedicado, disposto a aprender e a ajudar, seguindo o caminho da simplicidade. Vendo o Ir. Clotet detalhar o que significa simplicidade, eu vejo que é isto mesmo: simples é agir de forma sincera, coerente e sem deixar de ser inteligente, sem deixar de agregar valores. Penso que um dos princípios com que mais me identifico é a simplicidade.



AURELIANO CALVO HERNANDEZ (Letras)

É muito importante discutirmos a identidade da PUCRS, desde que a discussão seja aberta, tranqüila e sincera. Assim como a gente vai crescendo, a identidade vai alterando-se, mesmo que não seja uma modificação total, pois aprendemos com o dia-a-dia. E nem sempre somos os mesmos, no sentido de que, justamente pela convivência, pela aprendizagem particular com os outros, com os alunos, esta identidade pode ir tomando outros matizes, outras tintas, muito mais ricas, muito mais amplas do que quando entramos. Certamente a PUCRS também foi se modificando, embora sua identidade permaneça, em linhas gerais, a mesma, mas os valores foram se ampliando e tomando cada vez mais corpo. Então esta discussão sempre é válida.



LUIZ ALBERTO PEREIRA (Engenharia Elétrica)

Tenho muitos valores pessoais, que prezo na minha vida, que são defendidos pela Instituição: sinceridade, simplicidade, humildade, crença em valores morais. Do ponto de vista pessoal tenho uma identificação muito grande com a PUCRS. Acho importante discutir a identidade da PUCRS porque a gente conhece outras pessoas e passa a ter uma noção de como elas se relacionam com a PUCRS. Normalmente, conhecemos só as pessoas que estão muito próximas da gente e assim se pode saber como outras pessoas enxergam e se relacionam com a universidade. Este é talvez o maior ganho que se tem nestes encontros.



JOSÉ KLERING (Teologia)

Reconheço a identidade católica da PUCRS, na prática, através de atividades específicas, como todo o trabalho do Centro da Pastoral, voltado para a vivência ou explicitação da fé, através de diversos projetos que lá existem, como, por exemplo, o de Sacramentos e o retiro dos universitários. Outras atividades que a Universidade realiza na linha da solidariedade são manifestações concretas da dimensão católica. E também toda esta preocupação de deixar clara sua identidade católica e marista, de referir-se a documentos da Igreja, um resgate da própria história dos irmãos e da fundação da Universidade, vinculada à identidade marista, no sentido de ser um espaço de explicitação da visão de homem, de sociedade, de mundo que a Igreja Católica defende, valoriza e procura concretizar.

Depoimentos

MARIA ISABEL BELLINI (Serviço Social)

A identidade se constrói ou é definida a partir de dois aspectos: o teórico e o prático. No teórico aparece a evangelização, os princípios cristãos, que servem de base à instituição e aos seus fundadores. E o prático seria todo este movimento de integração, de ser coerente com a proposta dos fundadores. Parece-me que este evento, o Reflexões, é justamente uma busca da reitoria em manter, garantir esta integração prática do que está proposto teoricamente nos fundamentos da Instituição e na identidade da PUCRS. Esse é um movimento coletivo, de integrar os professores, os funcionários, de poder problematizar a identidade da instituição e aí se fortalecer. No momento que se problematiza, se torna mais visível e daí se pode construir propostas de como fortalecer o corpo humano dessa instituição. Caso contrário, a identidade vai se exaurir. O Projeto Reflexões é um momento prático e coletivo de se discutir essa identidade e, dessa forma, fortalecê-la.

CARLA BONAN (Biociências)

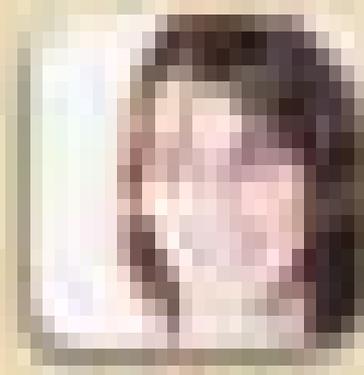
Dentro da nossa área, que às vezes parece ser muito técnica, científica e um pouco distante de questões relativas às humanas, penso que, como educadores, deveríamos transmitir conhecimentos técnicos de uma forma que pudesse compartilhar com os alunos experiências de vida que pudessem enriquecer a vida deles. Tentar trazer exemplos, muitas vezes científicos, associados a experiências de vida que temos, com o objetivo de maior compartilhamento entre estas duas áreas, aparentemente distantes, mas que podem estar bem próximas. Devemos nos mostrar abertos para tentar levar aos alunos este espírito mais solidário. Temos vários projetos de saúde e, muitas vezes, aquela pessoa que está presa num laboratório, restrita a seu trabalho, poderia compartilhar suas experiências científicas de uma forma mais concreta, mais prática para a sociedade. Fugir um pouco daquele seu cantinho, do seu laboratório, e aproximar-se mais da realidade, do dia-a-dia, das experiências de vida dos alunos e da comunidade.

VIVIANE ZAGO (PRAC)

No nosso dia-a-dia, na PRAC, a gente vivencia simplicidade, solidariedade, humanidade, que fazem parte do ser católico da PUCRS. A preocupação com o aluno mais carente, que existe dentro da universidade, é uma forma de identificar o lado católico. A busca de soluções como bolsa, benefícios, estágios, empregos temporários, uma colocação dentro do voluntariado, as atividades fora da Universidade. A gente vem se preocupando cada vez mais com isso e atuando também junto aos alunos. Esta é a visão que temos, que a cada dia a solidariedade fica mais forte dentro da Universidade. Até pelo mercado de trabalho, que está pedindo mais responsabilidade social.

CONCETTA SCHIFINO FERRARO (Química)

Neste encontro tivemos oportunidade de conhecer melhor a nossa Universidade. A filosofia marista que inspira o educador com o coração. Tivemos a oportunidade de conviver com colegas e funcionários de diferentes unidades, intercâmbio importante para o nosso crescimento pessoal, e, principalmente, pudemos vivenciar momentos de "reflexão", contribuindo para que a PUCRS seja cada vez melhor como instituição de ensino superior.



A PUCRS E EU

Uma das mais importantes potencialidades do ser humano é a realização do seu processo de identidade, através de pessoas, situações e instituições



No meu caso particular, a identidade com a PUCRS passa a maior parte da minha vida, sentindo-me integrado aos valores, crenças e atitudes da nossa Universidade, que fui construindo no trabalho como professor e aprendi a desenvolver fundamentado nos valores cristãos e maristas que me foram propiciados.

Meu percurso me fez sentir herdeiro e atuante em duas culturas: a espanhola e a brasileira. Esta multiculturalidade é importante no sentido pessoal e profissional, já que me proporciona ampla abertura e dimensão ecumênica do mundo, cultivando as virtudes da compreensão e da aceitação humanas.

Uma figura que me ajudou a educar-me, neste sentido, foi o Irmão Dionísio Fuertes Alvarez, nosso saudoso catedrático de Língua e Literatura Espanhola, que me trouxe para a PUCRS, onde iniciei minha caminhada

na vida universitária e, neste espaço de conhecimento, calor humano e fraternidade acadêmica me tenho desenvolvido.

A vida na PUCRS tem sido minha vida mais autêntica e expressiva, tenho ajudado a educar e me tenho educado em contato com grande número de alunos e colegas de caminhada.

Fiz minha trajetória acadêmica nesta Universidade nos graus mais elevados: o Doutorado em Pedagogia e a Livre Docência em Psicologia da Educação e tenho sido aceito nas Faculdades de Letras e Educação, colaborando também em outras unidades acadêmicas, onde pude entender, um pouco melhor, o sentido profundo do que é ensinar e como consequência a ingente tarefa do que é aprender.

O que mais valorizo é a possibilidade de ajudar na construção de uma Universidade de maior qualidade e sentido humano, voltada para o novo milênio que já está aí e que me desafia a desenvolver maior inteligência, sensibilidade e abertura de espírito.

As experiências que tenho na mais

alta consideração são REFLEXÕES, encontros existenciais e de conhecimento que me servem para afirmar, mais ainda, a convicção de que a Universidade tem a possibilidade de realizar melhores inclusões sociais no sentido de dar mais profunda fundamentação e oportunidades a uma estruturação humana voltada para o futuro do conhecimento, melhoria da vida e profunda realização socio-cultural.

A PUCRS e eu, não se esgota aqui. O meu percurso é como o percurso da Universidade, cheio de desafios, de trabalho e de mudanças.

A Universidade está viva, eu estou vivo e esta vida nos ajuda ambos a realizar uma Utopia possível, de certo modo, já vislumbrada pelo criador da ordem marista São Marcelino Champagnat e que consiste, através da educação, um contínuo movimento espiritual para que o ser humano possa transformar-se e, de maneira mais plena, humanizar-se.

Juan Mosquera
Faculdade de Educação

Amor, respeito e cidadania



“Eu sou PUCRS” significa dizer que temos um compromisso constante no dia-a-dia com a Faculdade. É um sentimento de carinho, de amor com cada aluno, de atender suas necessidades, participar dos eventos e de toda comunidade acadêmica.

MARIA LÚCIA BOTIN (Matemática)

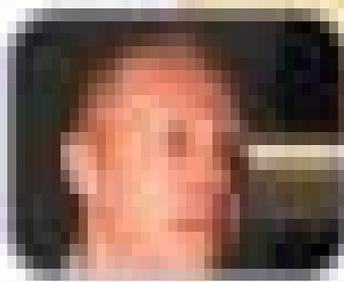
A Universidade está fazendo um grande investimento com essa iniciativa do Reflexões. Por isso, achamos que os professores já engajados nesse processo todo deveriam ter um espaço dentro das unidades para desdobrá-lo, para se tornarem multiplicadores daquelas prioridades já estabelecidas durante 2002, pois, efetivamente, nos sentimos parte da PUC, e muito importante.

MARIA TEREZA AMODEU (Letras)



Eu me sinto, como PUC, um privilegiado, parte integrante de uma comunidade ampla, aberta, que atualmente busca muito diálogo entre o corpo docente, discente e funcionários. Isso faz com que a gente se sinta mais desenvolvido intelectual e culturalmente, faz a busca do conhecimento na Universidade acontecer de forma ímpar. Cada vez mais quero participar dessa Universidade e buscar soluções para melhorar toda a comunidade acadêmica.

CARLOS KUPSKI (Medicina)



Favorecer o compromisso do corpo docente com a PUC é atuar profissionalmente, transmitir aos alunos, colegas e auxiliares as noções fundamentais de cidadania e dar o exemplo de conduta humana. Deve haver o compromisso da PUC com a coletividade, com o meio ambiente, com a vida.

JORGE ALBERTO VILLWOCK (Instituto do Meio Ambiente)



Podemos melhorar o compromisso do corpo docente com a PUC, através da postura, do preparo, dos exemplos. Devemos transmitir amor aos nossos alunos, e cultivá-lo pela Instituição.

MANOEL FRANCISCO CAIROLI LOPES (Direito/Uruguaiana)



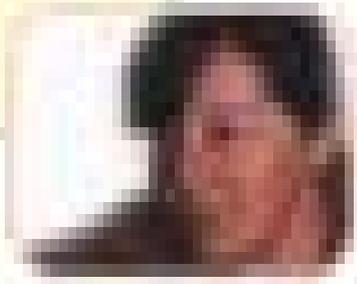
Acredito que cultivar os valores de Marcelino Champagnat é respeitar a todos de uma forma intensa. Destaco respeito à diversidade e à maneira de ser do outro. A proximidade com alguém possibilita entender esse alguém e a ajudá-lo. Outro fator é acolher bem o aluno que chega à PUC.

CLÉA CLEONICE VICENTINI (Administração, Contabilidade e Economia)



Vivenciamos a PUC através das nossas atitudes. Viver a PUC é fazer parte dela, tentando considerar seus valores. Dessa maneira conseguimos traduzir sua missão, através das atividades do dia-a-dia, desenvolvendo-as de maneira correta e possibilitando que isso seja sentido por aqueles que conosco convivem.

LÉA DENISE SENGER JACOBUS (Comunicação Social)



Um dos nossos compromissos está diretamente ligado à entrada do nosso aluno. Sugiro que se faça um trabalho junto às escolas, trazendo seus alunos à PUC e mostrando todo o nosso potencial em termos de corpo docente e de projetos de pesquisa, desenvolvidos com os alunos.

LUÍS ERNANI AGUIAR SILVA (Química)



Diálogo com a ciência

Atendendo a sugestões apresentadas por professores, durante participação no Projeto Reflexões, iniciado em 2000, e nos encontros de trabalho para elaboração do Planejamento Estratégico, o vice-reitor, professor Joaquim Clotet, encaminhou a criação de um novo projeto na PUCRS: o Fé e Cultura.

Refletir sobre a dimensão religiosa da pessoa; oportunizar o diálogo entre fé cristã, cultura e ciências; aprofundar os princípios constitutivos da fé católica; dialogar sobre o progresso das ciências e a sua aplicação para o bem da humanidade; identificar o perfil do intelectual católico e da sua missão numa sociedade pluralista e ajudar na difícil tarefa da pesquisa, da docência, da educação e da gestão na PUCRS são os principais objetivos do projeto.

Para alcançar tais objetivos, foi criada uma comissão, composta pelos professores Joaquim Clotet (coordenador), Sílvia Koch Martins, Evilázio Teixeira, Lúcia Maria Martins Giraffa, Mirian Oliveira e Érico Hammes, encarregada de organizar palestras ao longo de 2003, atendendo aos anseios intelectuais e espirituais, propostos pelos professores. Ao todo, foram 13



Lúcia Giraffa, Joaquim Clotet, Norberto Rauch e Pergentino Pivatto

palestrantes, que trataram de diversos temas, indicados nesta sessão da revista. O projeto terá continuidade em 2004.

Pergentino Stefano Pivatto, professor Dr. em Filosofia, falou sobre Ciência e Fé, destacando a necessidade de se instaurar um novo diálogo, aberto e franco, destemido, generoso e lúcido, entre pessoas praticantes da ciência com pessoas praticantes da fé religiosa.

Luis Carlos Susin, Professor Dr. em Teologia, palestrou sobre Ecologia e Teologia: um olhar sobre o universo como criação divina, enfocando a ne-

cessidade de se rever mal-entendidos da tradição judaico-cristã. “A linguagem simbólica e mítica tem força de verdade que a linguagem científica começa a levar em consideração. Assim se aprende o que significam as narrativas da criação e como a sabedoria e a contemplação bíblica interpretam a realidade cósmica, a vida, o ser humano”, afirmou.

Emílio Antônio Jeckel Neto, Professor Dr. em Biologia do Envelhecimento. Título da palestra: Leigo na Igreja x cientista no Mundo: uma contradição? O professor Emílio destacou que “ser leigo é personalizar



Luís Fernando Barsotto e Emílio Jeckel



Visão parcial
do público

a fé, ser capaz de integrar a fé na própria individualidade, fazendo escolhas decisivas e corajosas dentre a multiplicidade de ministérios e serviços que a vida cristã apresenta. Ser cientista é estar continuamente em busca da verdade e, ao divulgá-la, ajudar a conduzir à verdade”.

Luís Fernando Barzotto, Professor Dr. em Direito. Tema da palestra: Experiência de Fé e Investigação Científica: o cristão, a universidade, a verdade. Barzotto destacou: “O conflito moderno entre razão e fé só será superado, teórica e praticamente, na existência concreta do acadêmico cristão, se este tiver uma compreensão adequada do papel da verdade na sua vida e na universidade”.

Geraldo Luiz Borges Hackmann e Manoel Augusto Santos, ambos professores doutores em Teologia. Tema da palestra conjunta: Igreja e Novo Milênio: perspectivas e esperanças. Falaram sobre a Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte, assinada pelo Papa na Praça de São Pedro, em 6 de janeiro de 2001. É o documento conclusivo do

ano jubilar, que espelha o ânimo da Igreja no enfrentamento aos desafios do futuro.

Urbano Zilles, Professor Dr. em Teologia, destacou momentos da vida e obras do Cardeal em prol da cultura nos diversos setores da vida das paróquias, da Arquidiocese, do Estado, da Universidade, do Brasil e na Santa Igreja.



Urbano Zilles



Geraldo Hackmann

Evilázio Francisco Borges Teixeira, Professor Dr. em Teologia. Tema da palestra: Carta Apostólica – Rosarium Virginis Mariae, de João Paulo II sobre o Santo Rosário. Evilázio apresentou uma reflexão sobre o Santo Rosário a partir da última Carta Apostólica do Papa João Paulo II e buscou recuperar alguns elementos importantes para a redescoberta de Maria hoje. “Com ela todo Cristão é convidado a contemplar a beleza do rosto de Cristo e a experimentar a profundidade de seu amor”, destacou.



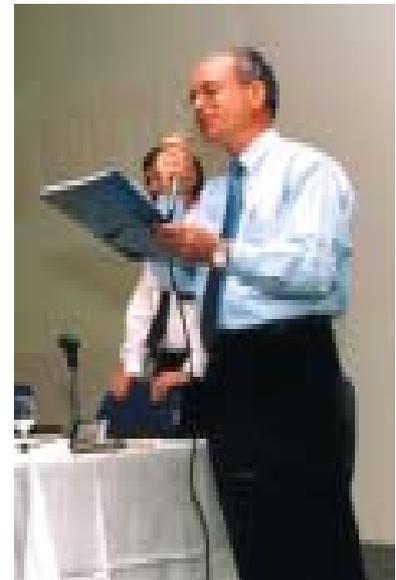
Clarice Sampaio Alho

Clarice Sampaio Alho, professora Dra. em Fisiopatologia Molecular, e Joaquim Clotet, Professor Dr. em Filosofia, palestraram sobre Alterar o Genoma Humano. Podemos? Devemos? Quem tem este direito? Os palestrantes fizeram algumas considerações de caráter filosófico moral ou ético e sob a perspectiva da moral católica sobre células-tronco, clonagem humana e seleção de sexo. As ponderações encaminham os ouvintes para a seguinte reflexão: Qual o uso eticamente adequado da nova genética humana para o bem-estar das pessoas individualmente ou no seu conjunto?

Érico João Hammes, Professor Dr. em Teologia, dissertou sobre “Um só Deus e muitas religiões: condição ou contradição?” Analisou algumas das principais tendências na interpretação

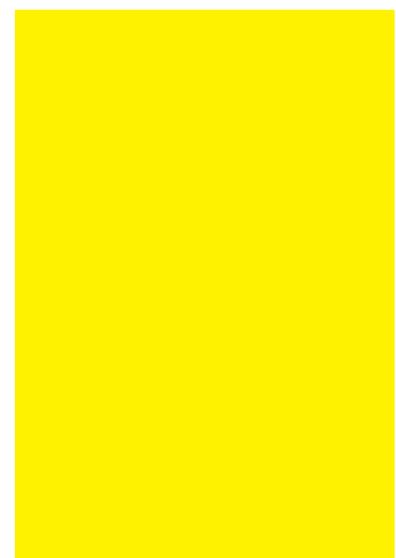


Érico Hammes



Joaquim Clotet

cristã do fenômeno do pluralismo religioso ante a afirmação de um só Deus e da veracidade do Cristianismo. Partiu da afirmação tradicional de não haver salvação fora da Igreja e Jesus Cristo, situando seu significado atual a partir da evidência de um cristianismo minoritário, bem como da atitude do próprio Evangelho de se apresentar como mensagem a favor de todos sem exclusão.





Falar em refletir, nos dias que correm, é evocar algo antigo, ultrapassado. As pessoas desaprenderam o hábito de pensar. Vivemos numa época em que a ação substitui a reflexão, uma época em que o fazer é mais importante do que o pensar. Tudo leva a isso: o cinema, a TV, os restantes meios de comunicação de massa e, em especial, o egoísmo e o espírito de concorrência em que vivemos.

O contraditório em todo esse processo é que, se somos seres racionais, qualquer ação não-instintiva pressupõe uma reflexão precedente, que dê um sentido a esse agir; caso contrário, caímos na irracionalidade e, por consequência, na sem-razão. Nada que nos dignifique.

Dentro desse contexto, a Universidade, por tratar-se de uma instituição de produção do saber, não pode dar-se ao luxo de improvisar, ou levar uma administração ao sabor dos acontecimentos. Se a Universidade possui metas, se pretende formar cidadãos, investigar os caminhos da ciência e estabelecer contato com a comunidade

Refletir para reconhecer-se

em que está inserida, precisa criar mecanismos em que as suas ações estejam embasadas em sérios momentos de reflexão. Não pode ser de outra forma: isso exige as próprias finalidades de um estabelecimento de ensino superior.

No caso da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, dada sua pujança e sua dimensão, todos esses mecanismos devem funcionar harmonicamente: a ação decorrerá de um pensamento que passa pela via coletiva.

O evento periódico “Reflexões” já está incorporado ao calendário da PUCRS, e pelos resultados já obtidos constata-se sua extrema oportunidade. Durante alguns dias a comunidade acadêmica, por intermédio de seus representantes, propõe-se a pensar a Instituição para além do cotidiano. Ali, num recolhimento propício, são ventilados os grandes temas com os quais nos deparamos, seja na administração, no ensino, na pesquisa e na extensão. Essa pausa é extremamente saudável, pois é nossa forma de dizer que não vemos a Universidade apenas como uma função que nos ocupa uma parte do dia; a Universidade está em nós e nós estamos nela todos os minutos do nosso dia. Dessa maneira, sentimo-nos comprometidos com o processo de autoconhecimento a que a PUCRS se

propõe. Somente através do autoconhecimento é que nos reconhecemos, e esse reconhecimento é o eixo de sustentação de nosso trabalho.

Pessoalmente, senti-me privilegiado em participar do “Reflexões”; comprovei, na prática, o espírito aberto ao diálogo que caracteriza nossa administração superior e pude travar contato com colegas de outras áreas - um contato, diga-se, extremamente criativo, pois trouxemos à tona um ponto em comum que nos une: o desejo de que nossa Universidade continue a crescer e consolide a posição de liderança de que desfruta na comunidade acadêmica internacional.

Luiz Antonio de Assis Brasil
Faculdade de Letras



Depois do REFLEXÕES

“Volta da consciência, do espírito, sobre si mesmo”, é como Aurélio, em seu dicionário, define reflexão. Consideração atenta, prudente, acrescenta. Refletir é pensar responsabilmente. É ter a disposição de mudar, se necessário. Foi o que experimentei na programação proporcionada pela PUCRS. Melhorei minha compreensão da vida.

Depois do Reflexões, sinto que a consciência tem mais luz, alargaram-se os horizontes, a fé ganhou nova dimensão, a vida tem cores mais fortes. Aparentemente nada mudou, mas há diferenças. As responsabilidades são mais leves e prazerosas. Os sentimentos são mais puros. Quando fui convidado não sabia o que me esperava. Depois, experimentei a alegria e a felicidade das descobertas. Fui conviva de momentos maravilhosos. Sinceramente, fui o maior ganhador! Pensei muito, lá e depois. Reordenei a existência. Nos princípios não fiz trocas, mas fortaleci convicções, sinto-me mais seguro e consciente.

Tenho reafirmado que a sociedade é retrato dos seus valores, e estes são nossa obra, para nosso orgulho ou constrangimento. Sinto-me parte do projeto de

educação da PUCRS, humanista, com hierarquia de valores, verdadeiro fio condutor da liberdade e da Justiça. Obediente a princípios éticos é projeto que se desenvolve com o norte ambicioso de uma sociedade justa e fraterna. Servir à sociedade é resultado buscado com obstinação, espírito cristão, ideal, com o brasão de Champagnat. Tenho muito orgulho de ser soldado desta causa. “Ad verum ducit” é o chamamento desta proposta social de vida, na qual conduta e fé compõem a fórmula da temperança da alma.

Depois do Reflexões aprendi melhor a solidariedade. Sinto-me mais integrado, com engajamento cívico, com fé inteligente, sem superstições, sem interesses disfarçados. Para mim, o Reflexões souo com uma alvorada da consciência.

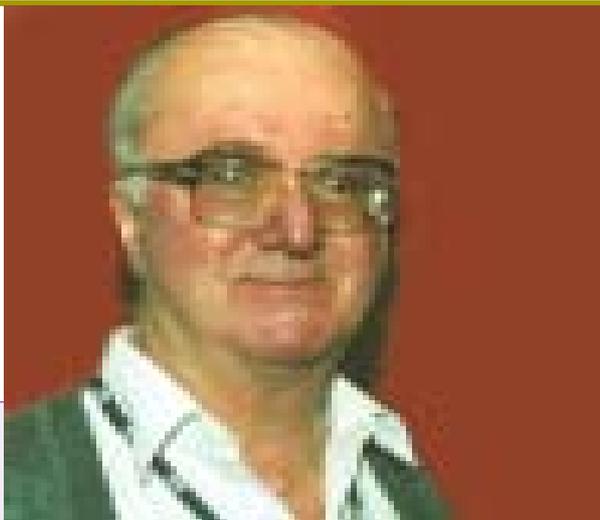
O jeito marista de educar é uma realidade. A educação é integral, com cidadania, tem a qualidade como fator determinante. Educação para toda a vida com a consciência do bem, do bom e do belo, na inspiração de Manuel Bandeira. Educação com idéias nobres, lealdade, respeito e justiça social. Educação com “mestres maestros”, sem vaidades. Educação para o mundo moderno, com resgate dos valores supremos. Educação com família, patriotismo. Educação que impede a destruição da consciência e dos valores. Educação sem fatos e teorias que não vão além da superficialidade. Educação que ensina a ver e a pensar. Educação que não substitui o professor por um monte de livros, segundo a sabedoria chinesa. Educação em que ler, pesquisar

e pensar são compromissos da Universidade, e do professor. Educação que é a ciência da vida, a que faz o cidadão. Sobre tudo escrevi, depois de iniciado, em 30/8/02, no projeto Reflexões, concluindo que o verdadeiro professor é “um libertador, não um carcereiro”.

Educar é formar cidadãos, tema amplo, momentoso, permanente. O processo educacional e a formação da cidadania são, por sua decisiva importância, inesgotáveis. Não existe uma nação definitivamente “educada”. Não existe cidadania completa e acabada. A existência humana é rica nas coisas singelas e nestas é tão forte a presença de Deus! É preciso ter cuidado com a ilusão de que o saber possa ser constituído de fórmulas prontas que apontem o caminho da felicidade.

A educação proporciona escolhas, rumos, instrumentos para as nossas jornadas, a opção de vida é nossa. O jeito marista de educar para a cidadania é, definitivamente, uma segurança, e o Reflexões, uma oportunidade rara de aprender mais a ver, pensar, sentir e viver.

Jarbas Lima
Faculdade de Direito



Homenagem a um cronista da cena viva

A Crônica foi um dos gêneros mais apreciados pelo irmão Mainar Longhi. Leitor inveterado desse gênero na imprensa brasileira, acompanhou de perto a produção de luminares como Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, só para citar alguns. Deixou em seus alunos a marca indelével desses grandes mestres. Por esta razão, escolhi este modo de escrever para homenageá-lo. Tarefa difícil, por me obrigar a mexer com regras de um ofício que não me pertence. Entretanto, decidi mover-me nessa direção, por permitir uma relativa licença poética na documentação do real e ainda porque obtive a concordância da jornalista responsável pela edição.

Ao longo de mais de duas décadas, o irmão Mainar percorreu, diariamente, o caminho da Reitoria, local de sua residência, em direção ao segundo andar do prédio 7, onde se localizava seu gabinete. Pela manhã, invariavelmente, chegava com seus jornais, revistas e livros. O volume desses exemplares costumava ser mais denso nas segundas-feiras, pelo fato de contar com exemplares de jornais de fora do país, tendo como preferenciais *Le Monde*, *L'Express* e *El País*.

Chegava silencioso, cumprimentava os funcionários e adentrava no cenário que com-punha grande parte de sua vida: o gabinete do diretor da Faculdade de Letras. Espaço “sui generis”, em que móveis não apareciam. A bem da verdade, desapareciam, soterrados em generosas pilhas de papel. Ali passava – horas a fio – despachando, lendo,

atendendo as pessoas, sem discriminação de função exercida na comunidade acadêmica, sem se preocupar com o tempo necessário para bem atendê-las, sem agenda prefixada.

Certa vez, para melhor acomodar os que o esperavam no corredor, solicitou à marce-naria a feitura de um banco, um grande ban-co, para evitar o desconforto dos que a ele acorriam. Pedido feito, pedido atendido. Sua satisfação ao constatar a presença de um objeto tão simples, mas tão útil no corredor foi contagiante. Certo dia, por razões não muito justificadas, o banco sumiu. Ao que tudo indicava, alunos da FAMECOS o carregaram para compor uma cena que seria filmada. O esforço de convencê-lo a “lutar” por um objeto tão prosaico foi grande e o banco retornou.

As inúmeras tentativas de fazê-lo pôr em ordem o espaço de trabalho, feitas por assessores e funcionários, foram em vão. Mas, por incrível que possa parecer, nunca ouviram um não. Em tais circunstâncias, para quem quer que fosse, esboçava um largo sorriso, que expressava a certeza de que todo o esforço nesse sentido seria em vão, mas jamais acompanhado de qualquer tipo de insatisfação por sua parte. Apossado de uma satisfação incontida, certa vez afixou em mural próximo à sua sala uma foto, retirada de jornal, do gabinete de trabalho do filósofo italiano Umberto Eco. Semelhante ao seu, também ostentava pilhas de jornais, livros e revistas. Sem muitas explicações, levava os colegas para apreciar a descoberta que, para ele, provavelmente, representava um grande

troféu. Isso porque amava os livros, as revistas, os jornais e com eles dividia o espaço de trabalho, como se fossem seus filhos. Neste sentido, a última homenagem que recebeu da Câmara Rio-Grandense do Livro, que lhe concedeu o troféu Amigo do Livro, não poderia ter sido mais justa e apropriada.

Mas por que um cronista da cena viva?

Porque, na condição de leitor voraz, acompanhava de perto o acontecer presente em todas as suas nuances. Bem informado, conhecia como poucos o cenário socio-político nacional e internacional, posicionando-se, sempre com cautela, quando chamado a participar de debates sobre temas da atualidade em programas de rádio e de televisão. Marcou presença no cenário de Porto Alegre. Marcou presença entusiástica em Reflexões, fazendo perguntas após as palestras, dialogando com os colegas, escrevendo neste espaço nas duas edições anteriores da revista. E, como em outras funções que exercia, sua ausência nos fará falta, porque não há como recuperar, a não ser pela memória, aquele que iluminou com tanta propriedade a cena viva de nossa Universidade.

Solange Medina Ketzer
Faculdade de Letras







